

Problemas do garimpo ganham ampla discussão no seminário

Estudar os problemas específicos da garimpagem, no sentido de viabilizar de maneira efetiva o encaminhamento de propostas que subsidiem ações voltadas à área. Com esse propósito, foi aberto, ontem de manhã, o I Seminário Internacional sobre o Garimpo (I Singar). O evento está sendo promovido pela Secretaria de Estado do Trabalho e Promoção Social (Seteps), com patrocínio do Ministério da Previdência Social e União dos Sindicatos e Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal) no Centro de Treinamento de Recursos Humanos do Estado (CTRH), em Marituba, com a participação de autoridades, garimpeiros e técnicos de diversos países.

Durante as discussões, estão sendo abordadas, entre outros assuntos relacionados à atividade garimpeira, as condições de trabalho, no que diz respeito à saúde, higiene e segurança. Os mais de 300 participantes analisam e propõem o encaminhamento de soluções práticas que proporcionem, aos garimpos, condições mínimas necessárias para a execução de suas atividades.

Atividade regulamentada
O secretário de Estado do Trabalho e Promoção Social, Romero Ximenes, abriu oficialmente o I Singar, falando sobre a importância do trabalho no garimpo, "não como atividade marginal, mas como atividade regulamentada". Ximenes fez um histórico sobre o trabalho nos garimpos do Pará, especificamente sobre o trabalho clandestino, e declarou que essa iniciativa da Seteps é "pioneira na discussão do assunto, a nível internacional".

Também estiveram presentes na abertura do I Singar, seguida de um coquetel, o embaixador da África do Sul no Brasil, Alex Van Zyl; o cônsul da Venezuela no Pará, José Adarmes Perez; o presidente da Usagal, Ivo Lubrinna de Castro; o secretário de Estado de Meio Ambiente do Mato Grosso, José Pedro Rodrigues Gonçalves; o secretário de Estado de Mineração de Goiás, Nasser Bittar; o diretor do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)/Brasília, Homero Araújo; e a diretora de Ensino da Universidade do Trabalho, Célia Mota.

Reivindicações

Um dos primeiros garimpeiros a chegar a Belém, já que houve um atraso no voo que trazia 40 garim-



Violeta Loureiro: a ocupação da Amazônia.

peiros de Serra Pelada, foi Ivo de Castro, que há seis meses esteve na África do Sul realizando estudos sobre aperfeiçoamento de tecnologia garimpeira. "Até antes da Assembleia Nacional Constituinte, ninguém nunca se preocupou com o garimpo e o garimpeiro, situação que, a partir de agora, muda completamente", segundo declarou o presidente da Usagal. O I Singar, em sua opinião, vem no sentido de "discutirmos e mostrarmos à sociedade que somos integrantes da atividade produtiva e que éramos jogados na clandestinidade". As reivindicações dos garimpeiros "não são por dinheiro, mas sim pelo que realmente necessitamos,

que são técnicas e orientações".

O interesse dos técnicos sul-africanos que participam do I Singar se deve, segundo Ivo de Castro, ao pioneirismo daquele país na utilização da técnica de cianetação, que substituiu, há mais de 30 anos, o uso do mercúrio na garimpagem. Juntamente com os garimpeiros que estão participando do I Singar, os técnicos estrangeiros, que visitaram os garimpos de Rondônia, seguirão hoje à Serra Pelada. Eles visitarão, na próxima segunda-feira, a área garimpeira do Tapajós.

"A ocupação da Amazônia, a atividade garimpeira e as expe-

riências estrangeiras" foi o assunto do primeiro painel do I Singar, realizado na manhã de ontem, sob a coordenação da diretora geral do Instituto do Desenvolvimento Econômico e Social do Estado do Pará (Idesp), Violeta Loureiro, tendo como expositores José Altino Machado e Antônio da Justa Feijão, ambos da Usagal. O segundo painel abordou o tema "A descoberta da África do Sul pela corrida mineral: garimpo", exposto por Alex Van Zyl.

Proseguimento

O I Singar prossegue, hoje, com uma mesa redonda, às 8h30, sobre "Saúde e Segurança do Trabalho no Garimpo", coordenada por Raimundo Arias, com a participação de Waldir de Sousa Miranda, da Sucam; Manfredo Ximenes, da Fsesp; Willamine Macedo, da Sespa; Wilson Alecrim, da UFPa; Rosa do Couto, da Sesma; e Luís Zamúdio, da OIT. Às 11 horas, haverá debates com Edith Furtado, Roberto Cortez, do MPEG, e Camilo Vianna, da Sopren. Uma nova mesa redonda será realizada às 14h30, sobre o tema "Políticas de governo, garimpo e Constituição". A coordenação ficará a cargo de Argemiro Filho. José Perez falará sobre a Venezuela, Parimé Brasil, da Codesaima, sobre Roraima, e José Izecias, da Semago, sobre Goiás. O Distrito Federal será o tema de Ben-Hur Batalha, da SEMA; a OIT, de Luís Zamúdio e Isney Rodrigues, do Bacen.

Durante o último dia do Seminário, amanhã, a programação será a seguinte: às 8h30, mesa redonda sobre "Processo de extração e comercialização econômica e social", sob a coordenação de Marcos Ximenes, da Fadesp, com a participação do Sindicato da Cooperativa de Garimpeiros de Serra Pelada, Sindicato dos Garimpeiros de Itaituba, CEF, José Sérgio Nunes, do Ibram; Elmer Salomão, do SBG; e Antônio Neto, da Abramo. Sérgio Farah, da Gazeta Mercantil; Milton Horita, do Jornal do Brasil; e Fernando Scipillipi, do Correio Braziliense, farão um debate, às 10h30. À tarde, às 14h30, "Projetos relacionados à atividade garimpeira" será objeto de mesa redonda, coordenada por Romero Ximenes, com Homero Araújo, Maurício Barros, representantes do Projeto Mercúrio (Sespa), Departamento de Química da UFPa e da Bolsa Mercantil e de Futuro, Jorge Cravo, da UFB e Bruce Folberg, do Inpa. A conclusão dos trabalhos será às 16h45.



Antônio Feijão: a corrida mineral.

Necessidade de tratamento legislativo

"A presença cada vez mais participativa dos índios nas atividades garimpeiras, na Amazônia, precisa de um urgente tratamento legislativo, de modo a garantir às comunidades indígenas condições favoráveis no processo de exploração aurífera". A afirmação, do geólogo João Orestes dos Santos, da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), refletiu o clima que predominou nos debates da mesa redonda "Áreas Indígenas, Questão Agrária e Garimpos", que deu prosseguimento, na tarde de ontem, ao I Seminário Internacional sobre o Garimpo (Singar), promovido pela Secretaria de Estado do Trabalho e Promoção Social (Seteps) e Universidade do Trabalho.

Segundo o geólogo, grande parte do território amazônico está "demarcado" como jazida aurífera, sendo que, nesse contexto, as áreas indígenas também aparecem como foco crescente de interesses. À essa constatação, João Orestes dos Santos disse ser necessária uma ação imediata do governo federal, no que tange à questão.

"O envolvimento dos índios nos garimpos é

responsável por mudanças desenfreadas em todo o contexto das sociedades indígenas, cujos resultados, da maneira como vêm sendo realizados, são completamente previsíveis. É preciso que haja uma legislação específica, que dê aos índios condições de também participar das atividades garimpeiras, levando em consideração as peculiaridades sociais que predominam entre eles", disse o geólogo.

A omissão governamental, segundo João Orestes, não se prende apenas à participação dos índios na exploração de ouro, mas também à própria produção aurífera e à atividade dos garimpeiros, "que o Estado faz questão de ignorar, mas nunca esquece do fato de que 90% do ouro extraído no país, é fruto do trabalho dos garimpeiros". O geólogo lembrou que, se o ouro extraído fosse tributado, essa medida acarretaria US\$ 300 milhões, por ano, aos cofres públicos.

Segundo ele, o governo sabe desse potencial, mas não direciona uma política séria para o setor, em função de compromissos definidos por empresas estrangeiras interessadas na produção

do ouro brasileiro. João Orestes não soube precisar, mas adiantou que é a mineração o setor que mais emprega mão-de-obra na Amazônia.

Mercúrio

Por outro lado, o processo de degradação ambiental provocado pelo uso inadequado de mercúrio, tem uma solução bastante simples para o geólogo. Segundo ele, existe uma tecnologia apropriada para evitar que o mercúrio se disperse no meio ambiente, inclusive com poder de recuperar rios que já estão contaminados. Mas são as campanhas de esclarecimentos, os principais agentes capazes de provocar a mudança de atitude entre os garimpeiros, de modo a também protegê-los da contaminação.

Para João Orestes, o uso das retortas — aparelhos utilizados para separar o amálgama do mercúrio, que permitem o reaproveitamento da substância — deveriam ser difundidos em larga escala nos garimpos, haja visto que os aparelhos têm comprovada a sua eficácia, além de serem métodos baratos, no plano geral das despesas, para quem está explorando o ouro.